
O trabalho docente no contexto angolano: a postura crítica, criativa e científica como requisitos fundamentais

JOSÉ MANUEL SITA GOMES*

Resumo

Partindo do contexto angolano, neste artigo procura-se refletir sobre as condições e qualificações necessárias ao exercício da profissão docente, elucidando e reforçando a importância da postura e das dimensões da competência crítica, criativa e científica do docente, como requisitos imprescindíveis para o correto desempenho laboral desse profissional que se dedica a atuar no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Formação de professores. Ensino-aprendizagem. Professor crítico. Criatividade. Didática. Competência profissional.

Introdução

Num momento em que o professor se vê imerso em tantas demandas socioeco-nômicas, políticas e culturais e, ao mesmo tempo, “bombardeado” por todos os lados com polêmicas que o desafiam a pensar, exigindo-lhe posicionamento científico e até

* Licenciado em Pedagogia. Mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no Brasil, onde deu início, em 2007, ao Doutorado. Tem especialização em Administração Escolar, Supervisão Escolar e Educação de Jovens e Adultos. Leciona Didática e Metodologia de Investigação em Educação no Instituto Superior de Ciências da Educação-Cabinda da Universidade 11 de Novembro (Angola). É Membro do Conselho Editorial da Revista “Cabinda Universitária”. E-mail: jmsitagomes@hotmail.com

mesmo pessoal – por exemplo, os debates sobre a *educação para o desenvolvimento sustentável*; a *globalização*; o *aquecimento global*; a *educação ambiental*; a *educação inclusiva*; o *construtivismo*; a *interdisciplinaridade*; a *transdisciplinaridade*; a *diversidade cultural*; a *competência profissional*; a *ética profissional*; a *cientificidade do ensino*; a *criatividade*; as *novas tecnologias*; a *autonomia do aluno*; a *corrupção* (“gasosa”); etc. –, uma pergunta não se deixa calar: Afinal, o professor precisa saber de tudo isso para ser um bom professor hoje? E o que é que está na base para que o professor se considere e seja considerado um bom professor? Em minha opinião, ele precisa ter, acima de tudo, *postura crítica, criativa e científica*.

Nessa conformidade, procurando contribuir para a preservação e dignificação dessa carreira que me “escolheu” (e vice-versa?) e que resolvi aceitar abraçando-a, fruto de investigações e vivências na atividade docente, trago esta reflexão sobre a postura que, no meu entender, deve permear a vida profissional daqueles que se dedicam ou pretendem dedicar-se à docência, referindo-me aos três aspectos atrás apontados: *postura crítica, criativa e científica*. Para isso, em um primeiro momento, situei a discussão em torno das práticas de acesso ao mercado de trabalho e o lugar da profissão docente nesses processos; em seguida, conceituei e fiz alguns comentários sobre as três posturas aqui demandadas de um professor, pois, como bem nos alerta Nunes (1985, p. 59), “a profissão de professor não é digna de um homem de certa categoria”, ou seja, nem todos os homens podem exercer a profissão de professor.

O mercado de trabalho e o exercício da docência em Angola

Tardiff e Lessard (2007, p. 9) definem a docência “como uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade

em que o trabalhador se dedica ao seu 'objeto' de trabalho, que é justamente outro ser humano, no modo fundamental da interação humana. Para eles, "pode-se chamar interativo¹ esse trabalho sobre e com outrem".

O acesso ao mercado de trabalho formal, em todo o mundo, tem se apresentado, cada vez mais, exigente no concernente ao recrutamento de novos funcionários, aos quais se pede, além das qualificações acadêmicas, outros requisitos ligados às suas reais competências no trabalho que demonstrem, por exemplo, "o saber e o saber fazer". Isso quer dizer que o candidato deve ter conhecimentos e experiências comprovadas e, como se isso não bastasse, há ainda os que primam pelo comportamento do candidato em grupo, isto é, a habilidade que o sujeito tem de viver e conviver com os outros "desenvolvendo as capacidades de compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e gerir conflitos – e no respeito pelos valores do pluralismo e da compreensão mútua", conforme expressa Delors (2000, p. 102), visto que a docência é "uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu "objeto" de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no modo fundamental da interação humana pelo que se pode chamá-lo de trabalho interativo sobre e com outrem" (TARDIFF; LESSARD, 2007, p. 9) e, por conseguinte, necessita-se dessas qualidades. Por outro lado, outra habilidade importante que podemos acrescentar a esse processo, segundo alguns especialistas em Recursos Humanos, é a capacidade de aprender a aprender continuamente em grupo. (SENGE, 1990)

Como vemos, hoje, saber ler e escrever deixaram de ser os únicos requisitos necessários para concorrer a um posto de trabalho como o era algumas décadas atrás, inclusive em Angola – embora, digamos a verdade, no nosso país essas práticas de empregar as pessoas sem preencher os requisitos necessários, apesar de diminuírem, coabitam ainda com as antigas nos organismos estatais e privados.

¹ Ocupação cuja característica essencial é colocar em relação, no quadro de uma organização (escola, hospitais, serviços sociais, prisões, etc.), um trabalhador e um ser humano que utiliza seus serviços. (MAHEUR; BIEN-AIMÉ, 1996, *apud* TARDIFF; LESSARD, 2007, p. 19)

A realidade angolana não é diferente, pois, com o advento da paz, muitos dos que deixaram Angola – pelos motivos que nós conhecemos: guerra, fome, bolsas de estudos, sobrevivência, etc. – estão retornando e somam-se aos estrangeiros e demais angolanos que também pleiteiam uma vaga no mesmo mercado. Por esses e outros motivos, o trajeto de acesso ao mercado de trabalho está a tornar-se, aos poucos, cada vez mais difícil, causando, desse modo, um desequilíbrio entre a oferta e a procura de postos de trabalho, pois já existem, inclusive, áreas saturadas e o número de pessoas que desejam trabalhar continua a crescer. Ou seja, há um crescente “exército nacional de reserva” à espera de uma oportunidade. Nesse sentido, estar empregado já não é uma questão de luxo, mas, sim, de sobrevivência, o que faz com que as pessoas se sujeitem, às vezes, a situações pouco dignificantes para manterem o *ganha-pão*.

Diante de um cenário como esse, não é difícil percebermos que há sujeitos que, muitas vezes, assumem funções em áreas que não se julgam capazes de atuar de maneira *crítica e criativa*, mas o fazem visando apenas e simplesmente à *sobrevivência*, deixando de lado algumas das exigências que qualitativamente são importantes para o bem-estar da pessoa e o correto desempenho do sujeito no exercício de sua atividade profissional. Nesse contexto, e conforme me referi atrás, é bom lembrar que os requisitos atuais para o acesso ao mercado de trabalho indicam que não basta “apenas” saber ler e escrever. Portanto, pode-se afirmar que, hoje em dia, possuir um diploma acadêmico abre perspectivas para o campo de trabalho, mas não garante o acesso a ele porque são necessárias, além disso, outras qualificações.

O fato de haver reduzido número de profissionais “autorizados” a exercer a atividade docente no nosso país – já que os que existem, às vezes, são mal aproveitados e preferem sair ao encontro de outros caminhos nos quais são minimamente dignificados, ou, noutros casos, assumem as funções e contaminam-se com o

vírus do *monotomismo pedagógico* – faz com que essa profissão se transforme em alvo prioritário de muitos que procuram por um emprego e que têm como trunfo principal os seus diplomas. Alguns desses que até chegam a exercer “nossa profissão” procuram-na como alternativa enquanto esperam “algo melhor”. Outros afirmam que se encontram nela por não ter outra “saída”. São os que não conseguiram outro trabalho e tiveram de “parar” na educação. Diante de tudo isso, pergunto: Qual poderá ser a postura de um profissional numa situação como essa? Será que ele lutaria seriamente pela categoria que ocupa? O seu posicionamento diante desses aspectos não condicionaria a sua atuação na sala aulas? Poderia ele ter uma postura “crítica, criativa e científica” no exercício dessa profissão?

Cinco anos atrás, participava de uma reunião em que davam boas-vindas a ex-bolseiros angolanos, onde se abordou, como uma das questões, a inserção no mercado de trabalho desses finalistas. Ao longo do encontro, muitas vezes, apontava-se a educação como o “lugar” que estava em condições de receber todos os que não conseguissem emprego em outras áreas, ou seja, independentemente da formação que as pessoas tivessem, podiam vislumbrar nela a “salvação e garantia do ganha-pão”, visto que havia falta de professores.

Ora, como pedagogo que sou, pergunto-me: Estariam essas pessoas em condições de trabalhar na escola de maneira “crítica, criativa e científica” mesmo sem terem recebido as ferramentas que poderiam fazê-los melhores educadores?

Tenho ouvido de meus “sobrinhos” – que também podem ser os seus –, alunos de escolas do nosso país, algumas queixas como: *O meu professor ‘X’ passa o tempo falando de outras coisas e não do conteúdo; O meu professor ‘Y’ leva fotografia para a escola e tira fotos com as meninas para dizer depois que são suas namoradas; O professor ‘T’ fala, fala e fala, mas nós não entendemos nada; A professora da disciplina ‘B’ exige defender*

nota da chamada e, quando não, ela tira valores; O professor 'H' leva apostilas para escola e obriga todos a comprarem mesmo que o conteúdo não vale nada; O professor 'C' vende nota; enfim, vamos parar por aqui e nos perguntar: Então, o que é que nos falta? Ou, o que é que se passa conosco, professores de hoje?

Vamos refletir um pouco sobre os caminhos da profissão docente no nosso país. Ser professor em Angola, há tempos atrás, dava direito ao adiamento militar para os homens. Logo, era uma forma de livrar-se ou, pelo menos, protelar o cumprimento do dever patriótico num momento em que o país, infelizmente, vivia com intensidade as atrocidades da guerra fratricida – é importante deixar claro aqui que a concessão desse “benefício” para esses cidadãos foi, a meu ver, uma maneira sábia que as autoridades angolanas encontraram para pôr a funcionar as escolas que formaram alguns dos nossos quadros que hoje povoam o país. Mas como é que fica o papel “crítico, criador e científico” desse sujeito que “assumia” a profissão nessas circunstâncias?

Acredito que temos de repensar, com urgência, nossa educação, a formação dos nossos educadores e, concomitantemente, a forma como nós, educadores do presente, trabalhamos na formação da nova geração, pois a esta altura, já não nos basta pensar somente nos conteúdos programáticos que devem ser “dados” ou discutidos pelos professores das diferentes disciplinas em nossas escolas, mas, também, ao mesmo tempo, na “maneira mais aberta, autoritária, dialógica ou mais fechada” (FREIRE, 1998) com que esses conhecimentos são ensinados por este ou aquele professor.

Dada a complexidade que envolve a tarefa de ensinar – que alguns aventureiros julgam-na com *simplicidade e ligeireza* –, é preciso, como já disse, repensarmos e re-conceituarmos nosso sistema educativo de modo a darmos um fio de esperança às próximas gerações e formarmos um educador que seja capaz de atuar de maneira “crítica, criativa e científica” pois, como bem

li em um dos muitos cartazes espalhados em locais estratégicos nas cidades das terras cubanas, *maestro puede cualquiera pero educador solo quien es un evangelio vivo*.

Para alcançarmos esse feito e contribuir para que haja, em nossas salas de aulas, professores com essa postura acentuada, seria necessário, a meu ver, que se façam ações formativas, informativas e de profissionalização dos docentes, que se abram espaços que possibilitem a troca de idéias com a comunidade intra e extra-escolar, com vista a propiciar, no professor, um comprometimento com a classe de profissionais que integra e com o saber.

Mas, afinal, o que é que significa ter postura *crítica no ensino*?

Freire (1998, p. 42) ressalta que “a prática docente crítica envolve o movimento dinâmico e dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer, pois o saber produzido por uma prática docente sem essas características é, indiscutivelmente, ingênuo e vazio”. Para ele,

é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. [...] É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 1998, p. 43-44)

Nessa mesma senda de idéias, Garcia (2002) reforça que os professores críticos devem ser intérpretes e tradutores das necessidades e aspirações da população estudantil. Devem ser organizadores e problematizadores do pensamento e do saber

dos outros e desveladores de suas contradições. Mas isso só não basta. A teoria educacional crítica e seus intelectuais, sejam docentes ou não, têm de ser não somente os que indicam os problemas, mas também os que articulam e oferecem as soluções no campo programático e político (o engajamento nas lutas partidárias, sindicais e populares), de modo que aqueles que são “objectos” dos programas de educação crítica se encontrem com sua “destinação social”. Segundo ela, é necessário que todos os que militam nesse campo compreendam e assumam a tarefa “de conduzir os segmentos sociais” a um melhor entendimento da experiência histórica vivida, pois cada indivíduo, de posse dessa compreensão, irá incorporar em sua visão e em sua prática no mundo a responsabilidade de transformá-lo, coadunando, dessa forma, com os valores fundamentais defendidos pelos ideais da educação para o desenvolvimento sustentável (GOMES, 2007), cujo guia é a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Nessa conformidade, é nessa direção que o professor deve rever os seus “caminhos”, a sua “prática intelectual” e os “riscos do compromisso” assumido.

Em suma, pode-se dizer que ter uma prática pedagógica crítica é também problematizar a realidade em que vivemos, não compactuar com a falta de compromisso com a educação e despertar interesse nos educandos para discutir os problemas abrindo espaço para que haja crítica e autocrítica.

O que é que significa ter postura criativa no ensino?

A criatividade não é um dom especial que só algumas pessoas possuem. Podemos desenvolvê-la se buscarmos continuamente a informação sobre tudo o que nos cerca, se tivermos sensibilidade para todas as coisas que acontecem à nossa volta e

curiosidade para descobrir o que se esconde nas aparências dos fatos, dos objectos, das pessoas, etc., inclusive nas nossas próprias atitudes conscientes e/ou inconscientes. Ser criativo é não ver nas dificuldades o fim de tudo, mas, sim, a possibilidade de um começo ou recomeço. Em síntese, *ser criativo é ser capaz de reorganizar todas as observações, vivências e aprendizados armazenados em nossa mente e no momento necessário recorrer a estes para servir de base e dar uma resposta nova a situações antigas ou uma resposta ajustada a uma situação nova.*

Trazendo tudo isso à “nossa” profissão docente, eu diria que ser um professor criativo é poder reunir, na sua prática como docente, elementos da formação e das potencialidades de ordem pessoal que possam contribuir na tomada de decisões em relação ao que faz na sala de aula. É importante lembrar aqui que ninguém consegue ser criativo do nada, ou seja, não se pode criar quando não se sabe onde está e para onde vai. Ou seja, para ser mais direto, quando a pessoa não sabe o que faz. Lembro-me agora dos filmes *Sociedade dos poetas mortos (Dead Poets Society, 1989)*² e *Mentes perigosas (Dangerous Minds, 1995)*,³ que algumas vezes exibi aos meus alunos de um curso para formação de professores, no qual os personagens vividos por professores mostram suas “doses” de criatividade sempre partindo de muito conhecimento dos conteúdos que ensinavam, aliando a isso muita competência técnica e outras estratégias que somente a dimensão da vida cotidiana e conhecimento do contexto podem proporcionar. Portanto, ser criativo não significa ser um “professor aloprado”.⁴ Muito pelo contrário, é preciso ter equilíbrio, sabedoria e, sobretudo, bom senso no uso das estratégias, das ferramentas metodológicas, das potencialidades e das oportunidades favoráveis à produção de conhecimentos, disponíveis nos espaços onde estamos inseridos profissionalmente.

² O filme, vencedor do Oscar de melhor roteiro original, retrata as façanhas de um carismático professor de literatura que chega a uma tradicional escola preparatória da qual tinha sido aluno. Seus revolucionários métodos de incentivar os alunos a pensar por si mesmos criam um choque com a ortodoxa direção da escola. É muito interessante!

³ O filme retrata a situação de uma professora de inglês que tem de lidar com alunos rebeldes logo na escola em que começa a lecionar. Oficial da marinha (vivida por Michelle Pfeiffer), a personagem abandona a carreira militar para realizar um antigo sonho de ser professora de inglês. Mas o grupo de alunos rebeldes que tem pela frente, logo na primeira escola em que leciona, coloca à prova todo seu treinamento e experiência adquirida na caserna. Muito bom!

⁴ O professor aloprado (*The Nutty Professor, 1996*) é o título de um filme norte-americano em cujo elenco há atores fascinantes, como Eddie Murphy, em uma atuação de muitos papéis. Um homem gordo e de bom coração, fazendo pesquisa com DNA, descobre uma fórmula revolucionária, ao mesmo tempo em que se apaixona por sua colega de trabalho, Carla (Jada Pinkett). Ele resolve beber a fórmula – que o deixa magro e cheio de sensualidade – para tentar conquistar Carla, o que, claro, promove muita confusão.

O que é que significa ter postura *científica no ensino*?

É reconhecer, em primeiro lugar, que somos seres humanos e vivemos na condição de “inacabados” ou “inconclusos”, daí precisarmos do auxílio de uns dos outros para superar nossa própria “incompletude” e a dos outros, inclusive nos conhecimentos científicos. Portanto, o docente não deve dar aos alunos saberes finitos, ou seja, saberes prontos e acabados sem espaço para discussão; é necessário que haja espaço para a crítica construtiva, para a dúvida “destemida e persistente”, pois a ciência tem carácter dinâmico e temos de entendê-la assim, se não quisermos que os nossos alunos sejam, como diriam os latinos, “tocororos”, isto é, pessoas que repetem as coisas sem saber o que é que estão a dizer.

Pode-se dizer, ainda, que ter uma postura *científica no ensino* é entender que eu, como educador, não sou o dono do saber ou, simplesmente, o saber personificado, mas, sim, parte integrante de uma rede de saberes na qual atuo como facilitador naquilo que os outros – nesse caso, os alunos – são ignorantes e nunca “burros” ou, “tábulas rasas”. Essa condição significa também que a pessoa que ensina não deve levar a vida profissional com “ligeireza” ou leviandade, improvisando nos conteúdos sem uma fundamentação científica que coadune com o nível de escolaridade a que se destinam as aulas, contrariando, dessa forma, os princípios que há muito vêm sendo defendidos pela didática moderna. Em poucas palavras, ter postura científica no ensino significa que o professor deve *saber muito bem* aquilo que vai ensinar num dado momento e local. Portanto, orientar trabalhos em grupo para temas que constam dos programas de curso e que os professores não dominam, forçando os alunos a fazer levantamentos bibliográficos de forma

“desordenada” para tentar preencher lacunas deixadas por falta de ordem, é ficar na contramão do que se defende aqui, por exemplo.

Conclusão

Cabe-me, nesse momento quase solitário, mas tendo vocês como referência, reforçar a idéia de que essas três categorias, embora discutidas aqui separadamente para fins didático-metodológicos, devem ser compreendidas como partes integrantes de um só *corpus*, pois somente dessa forma poderemos proporcionar o equilíbrio necessário para a vida profissional daquele que se envereda pela docência. Outrossim, a aquisição de uma postura verdadeiramente *crítica*, verdadeiramente *criativa* e verdadeiramente *científica* do professor que, a meu ver, tem a missão histórica de propiciar uma interpretação dos processos sociais inerentes ao seu tempo por meio da sua acção, deverá passar, necessariamente, por introdução de mudanças radicais e profundas nas mentalidades (sobretudo, uma abertura para a aceitação do novo), no sistema político, socioeconômico e cultural do nosso país.

Mas qual pode ser a nossa contribuição para favorecer esse movimento? Ou: Qual tem sido a sua contribuição nesse movimento? Será que nós, professores, queremos ver isso acontecer? E mais: Pode alguém ter postura criativa, crítica e científica na docência auferindo um salário “miserável”? Ainda, “apimentando” nossas reflexões, poderíamos nos questionar: Quem é o aluno que temos atualmente em sala de aula? O que ele quer? De que precisa? O que entende? Qual a linguagem adequada para dialogar com ele? Está ele preparado para ter um professor como este?

Essas e outras questões podem servir de base para outros debates.

Abstract

TEACHING IN THE ANGOLAN CONTEXT: CRITICAL, CREATIVE AND SCIENTIFIC ATTITUDE AS FUNDAMENTAL REQUIREMENT

Based on the Angolan context, this article seeks to reflect on the conditions and qualifications for pursuing the teaching profession, explaining and reinforcing the importance of posture and the dimensions of critical, creative scientific and educational competence of the teacher as essential requirements for the proper performance of these professionals dedicated to the teaching and learning process.

Key-words: *Teacher education. Teaching and learning. Critical teacher. Creativity. Didactics. Professional competence.*

Résumé

LE TRAVAIL ENSEIGNANT DANS LE CONTEXTE ANGOLAIS: L'ATTITUDE CRITIQUE, CRÉATIVE ET SCIENTIFIQUE COMME CRITÈRES FONDAMENTAUX

Considérant le contexte angolais, l'article réfléchit sur les conditions et les qualifications nécessaires à l'exercice de l'enseignement tout en élucidant et en renforçant l'importance de l'attitude et des dimensions de la compétence critique, créative et scientifique de l'enseignant en tant que critères nécessaires à la bonne performance de ce professionnel qui se dédie à participer activement au processus d'enseignement et d'apprentissage.

Mots-clés: *Formation des professeurs. Professeur réflexive. Stratégies de formation. Diversité culturelle.*

Referências

DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GARCIA, Maria Manuela Alves. O intelectual educacional e o professor crítico: o pastorado das consciências. *Currículo sem Fronteiras*, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 53-78, jul./dez. 2002.

GOMES, José Manuel Sita. Desenvolvimento sustentável e educação: possíveis diálogos. *Cabinda Universitária*, Cabinda, n. 1, p. 19-24, abr./jun. 2007.

GOMES, José Manuel Sita. *Estudantes na terra dos outros: vivência dos angolanos no Brasil*. Belo Horizonte: Planalto, 2007.

NUNES, Clarice. A sina desvendada. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 2, p. 58-65, 1985.

SANTOS, Lucíola Licínio de C. P. Problemas e alternativas no campo da formação de professores. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 72, p. 318-334, set./dez. 1991.

SENGE, Peter M. *A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem*. 13. ed. São Paulo: Best Seller, 1990.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *Trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2007.

Sugestões de leituras sobre o assunto

ALARCÃO, I. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. Porto Alegre: Cortez, 2003.

ALLAIN, Luciana Resende. *Ser professor o papel dos dilemas na construção da identidade*. São Paulo: Annablume, 2005

ANTUNES, C. *Como desenvolver competências em sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

AZANHA, José Mário P. *A formação do professor e outros escritos*. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

GADOTTI, Moacir. *Escola e o professor Paulo Freire e a paixão de ensinar*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007

MASETTO, Marcos Tarciso. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003.

PERRENOUD, P. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

José Manuel Sita Gomes

PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ROSA, Maria Rita Bicudo Pereira Costa; FRANCO, Silva Manuela Jardim Leandro Junqueira. *Manual de sobrevivência para o professor particular (de idiomas)*. São Paulo: Disal, 2006.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

WERNECK, Hamilton. *Professor, acredite em si mesmo*. São Paulo: WAK, 2007

Filmes

AO MESTRE, com carinho (*To sir, with love*). Direção: James Clavell; Inglaterra: Sony Pictures, 1967.

MEU mestre, minha vida (*Lean on me*). Direção: John G. Avildsen, [s.l.]: [s.n.], 1989.